

DÍZIMO, SINAL DE FÉ

Entrevista com o Pe. Carlos Jarosceski*

Entrevistadores: *Pe. Ivanir Rodighero*
Moisés Geremia

A vivência do amor foi uma das insistências de Jesus (Jo 15,17). Ao amor somente se retribui com amor, que brota da generosidade, do carinho e do afeto entre os membros da comunidade. A partir desta consciência, a partilha ganha sentido: ajuda a suprir as necessidades dos mais pobres (Mt 25,35-40) e sustenta toda a Igreja. Assim, entende-se que o dízimo não é pagamento, oferta, devolução, recolhimento, arrecadação ou retribuição, mas partilha¹ motivada pela fé, onde os fiéis experimentam a participação, a comunhão e a corresponsabilidade na evangelização.

O Pe. Carlos Jarosceski é o pároco da Paróquia São Vicente de Paulo, de Passo Fundo e está fazendo um processo para passar de uma organização eclesial em que o dízimo se efetiva através de taxa, para a metodologia do Projeto Missionário “Ide” da Pastoral do Dízimo (PRO-IDE). A revista “Caminhando com Itepa”, com a coordenação do Pe. Ivanir Antonio Rodighero e participação do Acadêmico Moisés

* É presbítero pertencente a Arquidiocese de Passo Fundo. Fez os estudos de Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria, noviciado na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos em Marau, Teologia na PUCRS. Realizou outros cursos complementares como Curso de Verão na PUCSP, 1993, CERNE em Fortaleza, CE, em 1997, Curso Espiritualidade Franciscana em Roma em 2007, várias etapas do curso de Extensão em Teologia oferecido pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – ESTEF/Porto Alegre, (Moral, com Antonio Moser, Bíblia com Carlos Mesters, Pastoral em Curitiba, entre outros).

1 CNBB. *O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas*. Brasília: Ed. CNBB, 2016 («Documentos da CNBB», 106), n.57.

Geremia, realizou uma entrevista com ele para compreender melhor esta dinâmica e os desafios que dela emergem.

Pe. Ivanir Rodighero: Pe. Carlos como foi a experiência de ser pároco numa organização de diretoria? Como são as relações?

Pe. Carlos: Desde o tempo de criança, fui introduzido na vida de comunidade. Meus pais residiam, e ainda residem, na Comunidade de Santa Maria Goretti, da Paróquia de São Domingos do Sul. Quanto ao município são residentes em Vanini. A solidariedade sempre foi uma característica da comunidade: se uma pessoa adoecia, numa das famílias, as demais famílias se reuniam para ajudar no plantio, ou colheita, em forma de mutirão.

Nesta comunidade, minha família participava. Desde aquele tempo existiam os “fábriqueteiros” da comunidade, que se revezavam nos trabalhos há cada dois anos. Depois passou a ser “diretoria”, cujo presidente detinha a última palavra, quando não tomava as decisões sozinho.

Normalmente as “diretorias” tinham a preocupação de organizar as festas e os bailes da comunidade, recolhiam os donativos para a festa do padroeiro/a, eram encarregados de “cobrar a taxa do dízimo”, também chamado de “centésimo”, junto às famílias. Muitos lugares vincularam a “taxa do dízimo” com o direito ao cemitério para os familiares; noutros lugares as taxas eram distintas.

No “sistema de governo” da “diretoria”, inspirados no diretor da fábrica ou no presidencialismo, o presidente decidia sobre a função das pessoas na comunidade e as nomeava para o exercício do serviço. O valor econômico arrecadado na gestão, precisava ser gasto todo em estruturas. Nesse sentido, em muitas situações foram construídas obras, salões, churrasqueiras, emendas e outras coisas, sem planejamento que,

posteriormente, tornaram-se inviáveis para qualquer uso. Noutras vezes foi necessário destruir uma obra para construir outra, simplesmente com a finalidade de gastar o dinheiro da comunidade. A diretoria, infelizmente, quase não se preocupava com o processo de evangelização.

Eu nunca enfrentei grandes conflitos relacionais com o presidente da diretoria da “matriz” nas cinco paróquias (Nossa Senhora da Penha, Rio Grande; Nossa Senhora de Fátima, Santa Maria; Nossa Senhora da Soledade, em Soledade; Cristo Rei de Marau; São Vicente de Paulo, Passo Fundo) onde exerci o ministério de pároco. Porém, em algumas situações havia um “gargalo”, uma dificuldade para fazer entender o quanto era necessário investir, em primeiro lugar, na pessoa humana e proporcionar boas condições para o culto, para a catequese e para a vida comunitária. Houve paróquias em que o presidente ficou na administração por mais de vinte anos ininterruptos.

Durante os estudos da Faculdade de Teologia, na PUCRS, vinha-se refletindo sobre a importância de adequar para o nosso contexto as orientações do Concílio Vaticano II quanto à organização da Igreja em Conselhos de Pastoral e de Assuntos Econômicos, e não mais em diretorias. Trabalhar esta consciência da necessidade de mudar o jeito de coordenar e administrar, com obrigações de escutar a opinião dos membros do Conselho e da comunidade, muitas vezes foi “penoso”. Normalmente, quando alguém tem a oportunidade de exercer um poder sobre o outro, firma-se neste pensamento e tem dificuldades para aderir ao caminho que o Evangelho nos propõe: “quem quiser ser o maior seja o que serve a todos” (Mt 9,35).

Moisés Geremia: Depois disso você fez a experiência do Conselho e da gestão econômica a partir do dízimo. O que mudou?

Pe. Carlos: Numa diretoria, as decisões são tomadas,

normalmente, pelo presidente da mesma, independente se há acordo com os demais. A participação dos demais membros, em geral se torna nula ou existe para executar tarefas estabelecidas pela palavra de ordem do presidente. A comunidade não precisa ser consultada quanto às decisões que devem ou podem ser tomadas.

O Conselho de Pastoral exige uma prática participativa e de diálogo. O coordenador escuta os membros do Conselho e a opinião da comunidade antes de decidir sobre determinados assuntos que envolvem a vida da comunidade e a administração da mesma.

São três os Conselhos de maior significado na vida da Igreja e da Comunidade: Conselho Paroquial de Pastoral (CPP), Conselho Comunitário de Pastoral (CCP) e o Conselho de Assuntos Econômicos (CAE), paroquial e comunitário.

Sabemos que o CPP é formado por representantes das comunidades que compõem uma paróquia, pelos serviços e coordenações de pastorais em nível paroquial, pelos movimentos eclesiais, pároco e vigários... Um ou dois membros do CAE também são membros deste Conselho. Como o CPP tem a obrigação de se reunir periodicamente, isso exige do coordenador, muita arte para conduzir os trabalhos, priorizando sempre o bem-estar das pessoas e a evangelização.

Quanto ao dízimo, conforme nos é sugerido responder na pergunta acima, não está vinculado diretamente ao modelo “diretorias” ou “conselhos”. A Pastoral do Dízimo tem passado por diversas compreensões. Muitas paróquias conseguiram se organizar e realizam trabalhos maravilhosos. Na maioria delas, no entanto, pela falta de um instrumento adequado para o trabalho desta pastoral, se criaram muitos vícios e foram trilhados caminhos que não se fundamentaram no Evangelho e na Palavra de Deus. Esta afirmativa se justifica quando, na nossa linguagem, usamos a expressão: “pagar o dízimo à Igreja”.

Ainda escutamos: “pagar o dízimo para o padre”.

Em todas as paróquias e dioceses nas quais tenho exercido o ministério presbiteral, ouvia-se falar em pagar o centésimo à Igreja. Aos poucos passou a ser dízimo, mesmo não sendo a décima parte, conforme o termo sugere. No Brasil surgiram equipes missionárias, coordenadas pelos leigos católicos, que deram novo rumo à esta Pastoral. As mais conhecidas pra nós são os Missionários para a Evangelização e Animação Católica (MEAC), e o PRO-IDE. Estes grupos de missionários nos deram a compreensão de que a Igreja precisa ser sustentada principalmente pela contribuição do dízimo dos católicos e não mais de campanhas, verbas exteriores, festas, promoções, bailes, rifas, bingos e muita venda de bebida alcoólica. Todas estas formas de juntar dinheiro, mesmo com a finalidade de sustentar o pároco, a paróquia e a pastoral, não condizem com a proposta do Evangelho, que nos apela para a superação dos vícios e para a não exploração.

Moisés: Como se deu a mudança?

Pe. Carlos: Prefiro citar as duas últimas paróquias em que tenho atuado. Na cidade de Marau, o dízimo era recolhido por zeladoras, organizadas em setores; mensalmente elas iam na residência das famílias, com o carnê, para cobrar a taxa do dízimo. Com esta metodologia, a paróquia conseguia um bom valor financeiro, porém, diariamente recebíamos a visita de uma zeladora ou outra, magoadas porque foram mal recebidas nas casas e, não raramente, agredidas verbalmente.

Diante de tantas situações, muitas vezes constrangedoras, achamos, por bem, procurar os missionários do PRO-IDE para nos ajudar a encaminhar esta pastoral. Com a vinda dos missionários Gandhi Ferreira e Joel Valentin, concretizamos a formação e o encaminhamento do novo método. A maioria dos que eram zeladores se transformaram em missionários. Além disso, outras pessoas se colocaram à disposição para exercer esta

pastoral. A partir do novo trabalho, acabaram as reclamações; não havia mais motivos para constrangimentos ou atitudes hostis aos visitantes das casas e das famílias.

Na Paróquia São Vicente de Paulo de Passo Fundo, uma pessoa “recolhia” o dízimo nas casas, mensalmente. O senhor Albino Gatto foi excepcional e incansável no trabalho que realizou durante mais de 20 anos. Nas comunidades, poucas pessoas se dispunham a contribuir com o dízimo, e o “pagamento” era feito, muitas vezes, no balcão do bar onde se vendiam bebidas. O nosso grande benfeitor, Albino, muitas vezes deixava cair lágrimas dos olhos partilhando o sofrimento por ter sido hostilizado ao chegar em algumas casas e por anunciar que estava “cobrando” o dízimo. Ele não tinha mais forças físicas para continuar e contava com mais de 80 anos de idade. Refletindo com o Conselho de Pastoral Paroquial, sentimos a necessidade de fazer alguma coisa para não permitir que as igrejas fechassem por falta de recursos e em função da pouca participação do povo. Mais uma vez apelamos para o PRO-IDE, e o missionário Joel Valentin prontamente se dispôs a nos ajudar.

Pe. Ivanir: Qual a essência da Evangelização da Pastoral do Dízimo?

Pe. Carlos: Atender concretamente ao apelo das Diretrizes da CNBB de transformar a nossa Igreja em Igreja Missionária, em permanente saída. Os missionários do PRO-IDE nos ajudaram a entender que precisamos resgatar pessoas que foram batizadas e que hoje se encontram distantes da Igreja e da comunidade. Eles nos ajudaram a compreender o espírito do Evangelho, que diz: “Jesus enviou, dois a dois a todas as cidades que Ele mesmo devia ir... Em qualquer casa onde entrardes deveis dizer: A paz esteja nesta casa!” (Lc 10,1-2). Assim, surgiram missionários leigos, por setores, que visitam as casas das famílias não com o objetivo primeiro de falar sobre a

partilha do dízimo, mas para levar a mensagem da Igreja até eles e incentivá-los a participar da vida da comunidade. A contribuição do dízimo é consequência deste trabalho dos missionários. Cada pessoa é convidada a ir às missas e, mensalmente, entregar o envelope com a sua contribuição.

Com este novo jeito mudou tudo na Paróquia Cristo Rei, de Marau, e São Vicente de Paulo de Passo Fundo: Mais pessoas se sentiram valorizadas para exercer a missionariedade, mais pessoas participam das missas, ninguém contribui com o dízimo por obrigação ou como pagamento, mas o fazem porque acreditam no amor de Deus e na Igreja, que recebeu a tarefa de Evangelizar, isto é, ensinar o que Jesus nos ensinou.

Moisés: Quais são os desafios que surgem nestas duas paróquias?

Pe. Carlos: Temos consciência que o caminho a percorrer é longo. Necessitamos de mais missionários, devemos dispor de mais material para a conscientização das pessoas sobre a importância da fé e da sua participação na obra de Jesus. De uma coisa temos certeza: Estamos no caminho certo. Ainda não vi outro método de trabalho sobre a Pastoral do Dízimo que seja mais eficiente e mais em acordo com a proposta de Jesus: “Ide e evangelizai...”. Poderíamos nos perguntar: diminuíram os recursos? Não, pois quando as pessoas participam da Igreja com fé e amor, tornam-se fiéis a Deus, sentem-se amadas por Ele e respondem com amor, participando da comunidade e contribuindo mais com o dízimo. Em contrapartida, todos têm consciência de que o dízimo é espontâneo; a entrega dele se dá no Altar da Eucaristia, no momento da Apresentação das Oferendas, porque ele é sagrado. Como diz São Paulo (2Cor 9,7), cada pessoa deve dar conforme manda o seu coração, não de má vontade, mas com alegria. A nossa paróquia, por sua vez, não estabelece taxas, nem para o dízimo e muito menos para a realização dos sacramentos. O dízimo supre este investimento.

Moisés: O que significa o dízimo para a comunidade cristã?

Pe. Carlos: Acredito que o Documento 106, da CNBB, nos números 5 a 35, expressou corretamente e de forma profunda o que o dízimo significa para a comunidade cristã. Quero usar as palavras da introdução deste documento, no n. 3: “O dízimo é apresentado na perspectiva da evangelização, como um dos elementos da ‘conversão pastoral’ que foi assumida pela Conferência de Aparecida (2007) e tem sido vivamente recomendada pelo Papa Francisco”. Além disso, “por meio do dízimo, que é uma contribuição motivada pela fé, os fieis vivenciam a comunhão, a participação e a corresponsabilidade na evangelização”². O dízimo traz uma experiência profunda do amor de Deus e nos torna mais fraternos para com os irmãos. Quando eu estendo a mão para dar, concomitantemente me predisponho a acolher, sem privilégios, a sabedoria, a inteligência e a clareza na caminhada.

O dízimo é sinal de obediência; o texto do Gn 2,16-17, recorda: Deus deu ao homem este mandamento: “*Você pode comer dos frutos de todas as árvores do jardim. Só não podem comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque, a partir do dia em que dela comerdes, você estará caminhando para a morte*”. O dízimo é partilha para com os mais necessitados e é compromisso de fazer acontecer o Plano de Deus na nossa vida e na vida da comunidade. É o fruto que eu não posso “comer”, usar para outros fins, pois devo entregar a Deus por meio da comunidade. Não entregar o que pertence a Deus é desobediência e perca de vínculo com o Criador e quebra de comunhão com o seu Povo.

As primeiras comunidades cristãs, conforme o livro de Atos dos Apóstolos, trazem um testemunho concreto de partilha: “Eram perseverantes em ouvir os ensinamentos dos apóstolos, na comunhão, na partilha do pão e nas orações” (At 2,42). A

2 CNBB. *O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas*, p.13.

comunidade cristã se identifica com Jesus ao assumir o seu caminho, seguir os seus ensinamentos e testemunhar a sua presença animadora na vida dos fiéis e da Igreja. Quatro pilares sustentam o espírito e a identidade da mesma: “*na escuta dos ensinamentos*” alicerçados na Palavra de Deus; “*na comunhão*”, colocando em prática o mandamento de Jesus, isto é, viver no amor; “*na partilha do pão*”, exercitando a virtude da caridade e da sensibilidade para com as necessidades dos irmãos; “*nas orações*”, como experiência profunda de comunhão e de diálogo com Deus e com os membros da Igreja.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (Documento 102) dedicaram um capítulo para falar das pequenas comunidades, da setorização das paróquias e do sentido evangélico do dízimo cristão, como gesto profundo de amor e de pertença à Igreja de Jesus: “a exemplo das primeiras comunidades, é importante estimular a experiência da partilha, principalmente através do dízimo”(n. 108).

Ao ouvirmos falar em “dízimo”, nos chama a atenção o fato de que a compreensão do mesmo foi, por muito tempo, centralizada no dinheiro. A bíblia entende este gesto como um gesto de amor e de partilha entre a comunidade. No Evangelho de João (21,1-14), os apóstolos passaram a noite pescando, o trabalho foi infrutífero e, ao clarear do dia, Jesus ordenou que jogassem as redes para o outro lado do barco, onde pescaram grande quantidade de peixes. Eles ouviram a Palavra do Mestre e acreditaram. Em seguida Jesus convidou-os para comer “pão e peixe assados”. O pão e o peixe foram dados gratuitamente pelo Mestre. O Pão é a Eucaristia, o seu Corpo e Sangue, o alimento da vida eterna. O peixe é o alimento da Palavra, que é viva e eficaz, a Verdade revelada pelo Pai ao mundo. A comunidade se alimenta da Eucaristia e da Palavra. O que Jesus pediu em troca? “Uma parte” dos peixes pescados. Em Mt 4,18-22, Jesus não quis uma porcentagem dos peixes, nem escolheu quais

deveriam trazer; Ele apenas pediu uma parte que seria destinada a outras pessoas que não participaram da “pesca”. Jesus convidou vários pescadores para o seguirem e lhes falou da missão: “farei de vocês pescadores de homens”. Portanto, ao falarmos da Pastoral do Dízimo, não podemos esquecer o essencial: “arrecadar” os batizados para que participem da vida da comunidade e se encontrem com Jesus, o Mestre.

Pe. Ivanir: Quem reage a esta proposta?

Pe. Carlos: Reage a esta proposta a pessoa que não compreendeu o verdadeiro sentido da Pastoral e da sacralidade do dízimo, muitas vezes porque não foi evangelizada, ou porque não houve adesão sincera e incondicional a Jesus e ao seu projeto, o Reino do Pai. Outras vezes isso acontece porque o coração está centralizado no dinheiro, nos bens econômicos ou no poder, e não consegue ver o irmão necessitado ao seu redor.

Eu compreendi o verdadeiro significado do dízimo, como algo sagrado e como oportunidade de manifestar meu reconhecimento a Deus pelo seu amor por nós, somente alguns anos após ser ordenado presbítero. Nem mesmo na faculdade de Teologia tivemos um estudo, sequer, sobre este tema. Foram os missionários do MEAC e do PRO-IDE que me ajudaram a abrir os olhos e o coração para essa realidade. Não é porque somos padres que entendemos tudo o que a Palavra de Deus nos revela. No dia a dia, na escuta dos que já vivenciaram a nova experiência, vendo para crer, do jeito de São Tomé, foi necessário tocar as chagas de Jesus e professar: “Meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28).

Moisés: A proposta de dízimo está ligada ao PRO-IDE. Quais os alcances que percebe nesta proposta?

Pe. Carlos: Os missionários do PRO-IDE são muito fieis aos ensinamentos do Evangelho e às decisões da CNBB. O PRO-IDE tem o objetivo de ajudar às comunidades, paróquias

e cristãos a entender o verdadeiro sentido da Palavra de Deus em nossa vida.

Existe uma expressão antiga, mencionada pelo Papa Francisco, “a conversão passa pelo bolso”. Enquanto não deixamos tocar no bolso, o coração não amolece. Por isso, o trabalho visa à “pessoa”. O que se quer é a salvação da pessoa, a sua adesão a Jesus Cristo, a sua participação na vida da comunidade.

Outro objetivo é a Evangelização, isto é, a formação cristã e humana para compreender o Evangelho e vivê-lo intensamente em todas as dimensões: humano-afetiva, social, comunitária e missionária.

A metodologia do PRO-IDE é formar missionários leigos para que sintam o chamado de Jesus e estejam dispostos a ir em busca das pessoas, evitando o proselitismo, convidando e propondo à participação. É a Igreja que vai ao encontro das pessoas e das famílias, que sai das sacristias para sujar os pés no “barro”, para empoeirar-se e sentir o cheiro das ovelhas, como nos recomenda o Papa Francisco. O missionário que aceita o chamado, recebe formação e vai em nome de Jesus: “Eis que eu estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20).

Após a realização desta missão, triplicou a participação dos fieis na Igreja, melhorou a consciência da partilha e, economicamente, as comunidades começaram a se sustentar com a contribuição do dízimo. Surge a consciência de que não podemos vender “drogas” e bebida alcoólica, com o objetivo de manter a comunidade, a estrutura física ou a evangelização. De fato, Jesus sempre defendeu a vida, não discriminou ninguém e quer que façamos o mesmo: não podemos atentar contra a vida, favorecendo o consumo de bebidas. O dízimo consciente supre as necessidades e Deus proverá de bens aos que o seguem e são fieis ao Evangelho.

Moisés: Como ocorre o processo de formação dos missionários?

Pe. Carlos: O processo de formação inicia já no convite que se faz a eles. Para que o trabalho seja bem desenvolvido, são necessários dois missionários/as para cada 50 famílias, aproximadamente, independente se a geografia é urbana ou de interior. Após o convite, que se for realizado pelos padres da paróquia produz mais efeito, os missionários/as participam de um dia de formação para entenderem o sentido deste trabalho, sejam motivados e tomem conhecimento do material que usarão junto às famílias.

Os missionários/as são instruídos sobre como chegar às casas e de que forma devem proceder nas mais diversas situações com as quais irão se deparar; recebem o número do setor (quadra) onde irão visitar e a sacola com os materiais para 50 famílias. Após esta orientação prática, os missionários são enviados, na sua comunidade, durante a celebração Eucarística, seguindo o exemplo de Jesus ao enviar os 72 discípulos. Marca-se o dia da primeira entrega do envelope do dízimo, com a participação das pessoas visitadas e acolhidas na Igreja pelos padres e missionários. É a celebração de ação de graças, o retorno dos discípulos e o momento de louvação a Deus.

Moisés: O que os missionários dizem? Tem testemunhos edificantes?

Pe. Carlos: Os missionários retornam felizes. Na maioria das vezes dizem que se sentem muito bem porque conheceram novas famílias e fizeram experiências de ver realidades boas, assim como realidades degradantes junto a alguns lares, especialmente quando há doentes, portadores de deficiência, precariedade econômica e mínimas condições de vida digna.

Outra alegria dos missionários é esperar as famílias na porta da Igreja, no dia da missa de Ação de Graças, e cumprimentar as pessoas novas que foram por eles visitadas. É uma

oportunidade para se sentir útil e chamado/a por Cristo para prestar um serviço a Ele.

Depoimento do Luis Fernando Telles da Silva, missionário do Dízimo da comunidade São Francisco das Chagas, Paróquia São Vicente de Paulo, a respeito da experiência com o Dízimo e o trabalho de missionário:

“A gente, há alguns anos, teve uma experiência nova, adotando um novo sistema da Pastoral do Dízimo. No início houve resistência por parte de algumas pessoas, porque é algo novo. Aos poucos foram se acostumando.

Coloco três objetivos deste trabalho: primeiro, dar oportunidade para a pessoa fazer a sua doação livre e espontânea; segundo, fazer com que a pessoa participe da sua comunidade; terceiro, é o monetário com o objetivo de arrecadar para manter a comunidade e os trabalhos de evangelização.

Houve resistência, mas vencemos esta barreira. A comunidade mudou muito, cresceu muito. Eu pessoalmente cresci muito porque dentro da minha família consegui colocar os meus filhos e a minha esposa de que cada um deve fazer a sua contribuição pessoal, porque o Dízimo é um momento especial de encontro com o teu Deus. É muito importante porque para toda a comunidade foi bom e será melhor se todas as comunidades adotarem este sistema. Esse jeito traz pessoas para a comunidade.

Algumas pessoas há muitos anos não entravam na Igreja e agora estão participando e vivendo este encontro com Deus. Muito obrigado!”

Pe. Ivanir: Como fica o pároco com relação à gestão do processo de implantação e de formação?

Pe. Carlos: O pároco precisa acreditar no processo. Inicialmente precisa caminhar junto com os missionários e não pode ter medo de investir. É ele que tem a obrigação de continuar animando os missionários e ajudar a comunidade a

compreender o sentido desta missão, que não é somente humana, mas de Jesus Cristo.

Quando a proposta é bem encaminhada e a comunidade a assume, junto com o CCP e com o CPP, o trabalho de evangelização se torna muito mais agradável e leve, pois os missionários trazem ao pároco a situação das famílias e ajudam a dar rumo à pastoral e ao atendimento às famílias. A secretaria paroquial desafoga, porque não é mais a secretária que recebe a contribuição do dízimo dos paroquianos, pois este é levado para junto do Altar, na missa de Ação de Graças. O CAE é responsável para recolher os envelopes e os redimensionar aos missionários, os quais, por sua vez, os entregam novamente às famílias, junto com mensagens da paróquia.

Moisés: Este trabalho está lhe deixando mais feliz em sua missão presbiteral?

Pe. Carlos: Acredito que não é uma questão de deixar mais feliz ou não, pois é nossa obrigação apresentar o que existe de melhor para o povo de Deus. Porém, fico feliz, sim, tendo conhecimento de que essa metodologia está ajudando as pessoas a viver mais perto de Deus, sentindo-se mais unidas na comunidade e mais próximas do ensinamento de Jesus. Fico feliz em ajudar a comunidade a viver o evangelho, assumindo a proposta da Igreja e todos, compreendendo o verdadeiro significado do Sagrado Dízimo e do jeito de se organizar, conforme o ensinamento de Jesus.

Sei que existem muitas formas de se organizar e também de encaminhar os trabalhos pastorais. Eu acredito neste jeito comprometido dos conselhos e da pastoral, onde cada cristão batizado pode exercer, com liberdade e fé, o seu trabalho, conforme os dons que Deus lhes concedeu!